
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

TATEANDO POESIA, HOJE, ESTÉTICA, DEMOCRACIA: UMA CONVERSA COM SOUSA DIAS

Luis Maffei¹ (UFF)

RESUMO: Poesia é uma ideia que não se pode pronunciar sem que se abra um território de sentidos vasto e problemático. Pensá-la, num determinado momento histórico e em determinado lugar, é uma tarefa que escorrega entre a estética e a política. No Portugal da nossa contemporaneidade, um dos pensadores mais agudos entre os que frontalmente se dedicam a refletir sobre a poesia, e a arte em geral, é Sousa Dias. Em textos como “Poesia, arte bilingue” e “A experiência poética”, Sousa Dias se mostra um profícuo interlocutor para assuntos que interessam sobremaneira a este ensaio, como a possibilidade de, no universo do que se convencionou chamar de poesia, serem desencadeados processos políticos de desierarquização e democracia. Torna-se inevitável refletir, logo, sobre a relação entre estética e ética e sobre o que se pode considerar uma colonização conteudística em tempos de excessiva comunicação. A esta reflexão, além de Sousa Dias, outros pensadores e críticos serão convidados a expor suas vozes, além de poetas, é claro.

PALAVRAS-CHAVE: Sousa Dias; poesia; estética; democracia.

No segundo semestre letivo de 2017, no curso de Literatura Portuguesa III da Graduação em Letras (Português-Literaturas) da Universidade Federal Fluminense, propus à turma um exercício bifacetado: no primeiro dos encontros semanais, conversaríamos, com a condução de uma dupla de alunas(os), sobre textos teóricos; no segundo, lidaríamos com poemas, duros e puros. Não era o caso de os poemas do segundo dia espelharem a teoria, ou crítica, do primeiro, mas de tentarmos produzir um pensamento sobre poesia tendo como base a democracia e processos de desierarquização. Tudo começou com a reflexão de Jacques Rancière sobre ética e política no necessário *A partilha do sensível*. Um dos pontos-cume daquele curso (curso como rio, sinuoso, eventualmente aberto ao despejo, portanto de-rrotado) foi o capítulo de abertura de *O que é poesia*, livro que Sousa Dias editou em 2008 e reeditou em 2014. O ensaio se chama “Poesia: arte bilingue”.

¹ luismaffei@id.uff.br - <http://lattes.cnpq.br/4099494020462245>

Desde já, antecipo que uma das condições que me assiste nesta escrita é de poeta – uma anterior, a condição-zero, já indiquei, e é a de professor de literatura portuguesa. Todo poeta, todo artista, é posto num tempo e num lugar, e a mim interessa pensar hipóteses de democracia para o gesto poético em tempos de capitalismo avançado e, nestas paragens perturbadoras a que ainda se dá o nome de Brasil, avançado em seu aterrador atraso. A proposta do curso que teve Sousa Dias como um de seus guias de pensamento se originou precisamente do espanto nosso de cada dia, causado por eventos que chacoalham algumas certezas que tínhamos como pacificadas. Uma delas talvez fosse a de que não nos aproximaríamos tanto da condição triste, medieval no sentido menos pulsante, do Estado confessional – digo medieval de modo torpe, quase irresponsável, mas quero apontar para uma situação perversa, grosseiramente resumível assim: recuperamos de uma mentalidade pré-Luzes o que ela tem de menos bem-vindo numa transposição para os dias de hoje, deixando de lado toda a ambiguidade que se vê, por exemplo, em inúmeras manifestações do amor cortês.

Convido imediatamente meu dialogador principal, falando, ainda não de poesia, mas de política, marxiniamente falando: “como dizia Marx, o capitalismo não é civilizável, não é corrigível eticamente, (...) nem sequer é de vocação democrática, (...) é incorrigivelmente selvagem, anti-social, (...) sua única e esquizofrênica lei, toda a sua dinâmica virtualmente infinita, é a da ‘reprodução alargada do capital’” (Dias 2016: 13).

E no Brasil? No Brasil, o confessionalismo convive, por exemplo, com um rígido controle de mentalidades, explícito no monopólio que certa empresa de comunicação, de modo rigorosamente antidemocrático, construiu, o que fez dela a detentora de uma fala autorizada e controladora sobre o país. O capitalismo versão brasileira não deixa de ser o que diz Sousa Dias recuperando Marx: antissocial, selvagem, antiético. Mas é mais: é monopolista, escravocrata, assassino. É neste lugar que estou, é onde escrevo este texto. É aqui que penso, porque tenho que pensar, as questões que me movem.

Neste momento, neste lugar: poesia?

Ao cenário condensado acima, a condição de professor responde com pasmo, mas responde, concebendo, inclusive, cursos como o que citei agorinha, tocado por questões semelhantes às que tocam este ensaio; a de poeta se vê cantando em tempo de escuta endurecida, inclusive porque certa solidão achaca certos poetas, não certos tipos de poetas, mas certos poetas, majoritariamente numa altura em que certos tipos de poetas procuram o contrário da solidão. Por duas razões, lembro-me de um encontro de que participei em março de 2016, na Casa das Rosas, em São Paulo. A primeira: um texto que li, disponível na revista online *Zúnai*, intitulado “Dois ou três possíveis para a poesia brasileira”. Os dois ou três possíveis são dez, e num deles, o oitavo, escrevi que:

poemas não são peças publicitárias, não precisam agradar ao gosto da época, ainda mais porque o consumo de poesia nada tem a ver com outros consumos

— o de poesia, para certas bocas, é excessivamente alimentar. A poesia ainda pode resistir a isso: ao que a força a se tornar um discurso entre discursos. Se pode resistir e pretender grandes coisas, a poesia ainda pode, como pôde em muitos outros momentos históricos, ser política, fazer política, intervir de alguma maneira que não seja também, por sua vez, concessão àquilo que a transforme em publicidade, que, nesse caso, seria de alguma causa extrínseca à evidência de que a poesia se diz — resistir a certas crises é resistir a não criar outras. (Maffei 2016 *online*)

Entendo o contrário da solidão como uma postura que absorve demais o risco, como escrevi, de uma fala publicitária. Avançando um pouco na reflexão, digo agora que há um perigo contemporâneo no gesto político em poesia, e, conseqüentemente, na crítica de poesia: não obstante a condição pouco (mercadologicamente) hegemônica desta prática, ela, assim como outras artes, se vê diante do que posso chamar de colonização conteudística. Isto faz com que a tensa relação entre ética e estética se simplifique, bastando, para a arte ser aceita como ética – condição, aliás, incontornável para a aceitação hodierna da poesia, posta a afinidade de pensamento partilhada por grande parte dos poetas –, que ela veicule ideias políticas aceitáveis para certa(s) mentalidade(s). Um efeito colateral disso é a crescente inclusão de exemplares pouco dados a qualquer investigação de linguagem no universo das manifestações a serem apreciadas esteticamente. Repito: a tensa relação entre ética e estética se simplificou, vencendo, no rarefeito universo dos apreciadores de poesia, uma versão da primeira que tem dificuldade de absorver a segunda. O problema é que a segunda, penso eu, é onde está o fazer político, inclusive ético, da poesia, pois é onde está a possibilidade da poesia, e não só, é onde está a estesia, portanto a partilha e qualquer traço de revolução. Afinal, como escreveu Gastão Cruz, ainda nos anos de 1960, em *Hematoma*, “Um verso é uma zona proibida/ zero prego tabu o sol nos dentes/ a zona é uma voz intrometida/ as pessoas são vozes doentes” (Cruz 2009: 43): entre a proibição (censura, claro, mas sentidos em ebulição) e a intromissão da voz, a política que só se faz porque a linguagem se encontra em baratinamento.

O encontro paulistano me veio à lembrança por duas razões; a segunda: uma intervenção de E. M. de Melo e Castro, que estava na audiência. Não me lembro bem por que, eu usei a expressão “poetas” para me referir a um grupo heterogêneo, e o velho mestre se indignou, talvez ainda colado, ele, a uma (bela, romântica) perspectiva de que os poetas perfazem uma comunidade unívoca, ainda que complexa, mas capaz de se apresentar ao mundo, por assim dizer, como um corpo. Minha solidão, que hoje visiona dessolidões em muitos outros poetas (“talking about my generation”, como cantou o The Who, e alguma outra), logo se lembrou de Jean-Luc Nancy:

A poesia é, por essência, mais do que e algo de diferente da própria poesia. Ou antes: a *própria* poesia pode perfeitamente encontrar-se onde não existe propriamente poesia. Ela pode mesmo ser o contrário ou a rejeição da poesia, e de toda a poesia. A poesia não coincide consigo mesma: talvez seja essa não-

coincidência, essa impropriedade substancial, aquilo que faz propriamente a poesia. (Nancy 2005: 10-11)

Desloco um pouquinho a ideia de Nancy e entendo que, assim como “a poesia não coincide consigo mesma”, já que a “*própria* poesia pode perfeitamente” ser im-*própria*, poetas não coincidem consigo mesmos, muito menos uns com os outros. Portanto, a inquietação (romântica?) de Melo e Castro esbarra nesta impropriedade: não há *propriamente* poetas, ainda que haja *propriamente* poesia, mas na sua impropriedade. E esta impropriedade tem uma faceta, não havemos de estranhar, mesmo histórico-cultural, pois não há poeta que não escreva em sem tempo, ainda que se projete para muitos outros. Penso que, em poesia, a comunidade possível é a dos que não têm comunidade – é claro que estou enfurnado na noção de impropriedade que Jean-Luc Nancy expôs, e recupero uma famosa ideia de Bataille. Em outro lugar, no mesmo momento histórico, talvez noutro momento ontológico, Sousa Dias afirma algo que me interessa drasticamente:

Eis aqui um aspecto, todavia tão controverso, que me parece cristalino: sem pensamento, sem ideias e, mais ainda, sem ideias só por via estética exprimíveis, não há arte. Haverá outra coisa, técnica, artesanato, decorativismo, simulacros de arte, mas arte, não. Por outro lado, a arte é enigma, evidência do enigma, da essencial enigmaticidade do ser, de um fundo do ser resistente a toda a linguagem e a todo o saber, de um “excesso do ser sobre o ser” como diz Nancy a propósito da poesia. (Dias 2016: 40)

Penso eu em democracia e desierarquização num país confessional e palco de um capitalismo, sistema de *per si* antidemocrático, que, indo muito longe, aprimora, dia após dia, a avareza. Penso esses problemas aprendendo com Sousa Dias (e Jean-Luc Nancy, e Silvina Lopes, e outros) que a única hipótese de a arte (poesia incluída, como, caso não estivesse claro, indica a citação a Nancy) existir é gerando “ideias”, e por via estética. Isto vai na direta contramão de uma produção artística que, preocupada de modo muito veloz com o exercício ético, não partilha do entendimento de que é na difícil lida com o excesso que se pode construir, a partir da arte, uma fala: menor, como escreveram Deleuze e Guattari; política; excessiva e, portanto, irreduzível a exercícios éticos que sejam exclusivamente colonizados por conteúdos, situação que gera um vazio completo de “ideias”, especialmente as “só por via estética exprimíveis”: se certo conteúdo é meramente transplantado para dentro da obra, não há nem sombra da “enigmaticidade do ser”, não há mais resistência – não custa lembrar que o Nancy citado por mim e por Sousa Dias intitula-se *Resistência da poesia*, tampouco que é resistindo enquanto “complicação” e “doença da linguagem” (Belo 2002: 108), como escreveu Ruy Belo, que a poesia se constrói como algo que, para mim, faz sentido chamar de poesia.

Há certa liberdade na desimportância econômica de que desfruta nossa condição de gente da literatura – leitores, sobretudo, porque é a leitura o mais poderoso lugar-comum de que dispomos. Claro que ainda há na literatura um prestígio, talvez

fantasmático. Isto leva atores de novela que, nas horas vagas, emprestam sua voz para bancos multinacionais, a escreverem livros, e cantoras de sucesso a organizarem antologias de poemas (e ocuparem cátedras universitárias num Portugal pedacinho de Brasil...). Claro que isso é irritante e, no limite, vilipendioso para quem milita em versos e *campi*, ao modo das formigas, num dia a dia de recompensas o mais das vezes inconspícuas. Mas há uma desimportância, que, enquanto nos frustra, nos permite uma deslocação trêfega, desvigiada. Pensar política em poesia exige pensar nos interlocutores e nos não interlocutores que nos cercam, e entre eles (os não, majoritariamente) há, intuo, certa gana, não necessariamente de reconhecimento, mas de uma participação mais efetiva nos destinos da cultura, da história. O problema é que não consigo perceber como se pode dar esta participação sem que haja uma mui grave resistência a atrativos comunitários – ou melhor, se eu voltar à ideia de Bataille, nem tão comunitários assim no universo da arte, das artes, já que interessava imensamente ao pensador, na sua peculiar comunidade, a impossibilidade da comunidade.

Sousa Dias remata o comentário que citei há alguns parágrafos desta maneira: “arte não é comunicação. Ou então, se preferires, só a má arte, a pseudo-arte, é comunicação” (Dias 2016: 41). Pronto: conteúdo pacificamente posto, mesmo que atrativo num universo extra-artístico, é comunicação. Poesia, não; poesia é “desvio da (...) principal função” da língua, “que será comunicar” (Belo 2002: 138), como não me canso de aprender com Ruy Belo. A segunda pessoa a que se refere Sousa Dias (“se preferires”) é Maria João Cantinho, interlocutora do pensador no livro-entrevista *Pré-Apocalypse now*. Este pleno diálogo é, por vezes, espaço de problematização em desconforto, como quando Maria João faz o seguinte questionamento a Sousa Dias, justo após ele ter dito o que transcrevi no começo deste parágrafo: “Essa é uma afirmação que corre o risco de ser tomada como ‘elitista’, nos dias que correm, pelo facto de sermos comandados pela ditadura da comunicação” (Dias 2016: 41).

Isto me faz pensar no modo como alguns poetas, em certos grupos de poetas, neste tempo e neste lugar (não posso falar nos *poetas* ...), parecem se entender, o que, por sua vez, me lembra um breve poema de Jorge de Sena, muito divulgado por minha colega Luciana Salles:

A poesia tão igual a uma lepra!
 (...)
 E os poetas na leprosaria
 vão vivendo
 uns com os outros
 inspeccionando as chagas
 uns dos outros. (Sena 2013: 46)

Luciana Salles entende, neste poema, uma tensão entre, por um lado, “doença desfigurante” e loucura, já que “as leprosarias são as antepassadas dos hospícios”, e, por outro, a “arte como ponto em comum, capaz de promover o encontro e o diálogo dos que” testemunham o “sofrimento de seus pares” (Salles *online*). Uma comunidade, portanto, mas doente, comunidade daqueles cuja comunidade só tem lugar em

leprosarias metafóricas, porém menos e mais que metafóricas porque a “operação poética não é a metáfora, mas a *metamorfose*” (Dias 2014: 55), escreve Sousa Dias. Não será, contudo, que em nosso tempo muitos conjuntos de poetas não se entendem demais, ou, dizendo de outro modo, não deixam de obedecer, ainda que à sua maneira, à “ditadura da comunicação”? Como comunicar se, diz-nos Sousa Dias, ecoando Deleuze, que “a criação poética (...) inventa, de cada vez, uma língua na linguagem, uma língua contra a linguagem, contra os limites e as impossibilidades da língua. Uma neolíngua exclusiva, fazendo violência à língua comum” (Dias 2014: 12-13)?

Lembro-me, inevitavelmente, do fascismo da língua formulado pelo Roland Barthes de *Aula*. Seria essa “neolíngua” um modo de, democraticamente, resistir a esse fascismo, superá-lo ao menos como projeção, ou performance? Ainda pretendo desenvolver, num texto que não terá a poesia como centro, a ideia de um novo fascismo da língua em tempos de demandas crescentes de comunicação, como, por exemplo, redes sociais e aplicativos de celular, que levam as pessoas a uma tagarelice inaudita. Intuo que entre isto e “a má arte, a pseudo-arte” que “é comunicação”, não deixe de haver certa, ainda que distante, familiaridade, em tempos em que comunicar-se se tornou um bem (mesmo de consumo), inclusive em cenas ligadas à produção artística. Nestas, em virtude de demandas éticas que já indiquei algures, parece existir uma espécie de neocontrole, e nosso minúsculo ambiente menos vigiado se torna vigiado pelos olhos que podem vigiá-lo, os que estão histórica e socialmente dentro dele, não fora.

É claro que alguém poderá dizer que toda época possui seus refrães, seus lugares-comuns. Mas seria interessante meditarmos com mais agudeza num exercício que pode ser formalmente democrático nos dias de hoje: a alterização. Escreve Sousa Dias: “O sujeito da escrita poética nunca é o sujeito poeta, o eu do poema não é o eu do poeta mas outro, um outro na voz dele ou uma outra voz dele” (Dias 2014: 16). Portanto, “não é o lirismo a prova paradoxal do fingimento poético, da impessoalidade da poesia?” (Dias 2014: 17). É por isso que considero, na contramão de boa parte da crítica, que a poesia de Pessoa tem um aspecto formidavelmente político e democrático. Tem também um traço autoritário, posto que, não obstante a heteronímia, Pessoa trabalhou por cercar sua própria obra de sentidos produzidos por ele mesmo. Mas há uma entropia no sistema heteronímico que, se não o faz deixar de ser um sistema, retira o conforto do sujeito que possa responder pela obra – desde que deixemos o Pessoa que a tentou cobrir de fora do jogo, ou se, deixando-o participar, façamos dele um bom comboio de corda.

A poesia de Camões, muito tempo antes, também projetou democracia, como fica evidente, por exemplo, no final do Canto VII d’*Os Lusíadas*, quando o poeta se alteriza no espelhamento com Cànace, e mesmo versos antes, quando pratica a mais radical aposiopese que conheço em literatura: “Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego” (*Lus.*, VII, 78, 1). Paro por aqui pois dedico linhas a este problema em outro texto. O que agora me interessa é, com Sousa Dias, considerar a necessária impessoalidade para que emerja do texto um “outro da voz” do “autor” ou “uma outra voz dele”. Neste caso, torna-se menos óbvia a redução da poesia a um conteúdo, posto que uma voz

móvel, trêfega, alterada tende a não se deixar apanhar por uma subjetividade unívoca e inequívoca – o poeta é “qual Cànace” (*Lus.*, VII, 79, 7) logo após ter deixado inconclusa uma construção, em claros deslocamento e insuficiência do “eu do poeta”.

Lê-se em “A experiência poética”:

É esse “obscuro domínio” (Eugénio de Andrade) que a palavra poética, por isso necessariamente obscura também, é a única a *dizer* na sua inidizibilidade mesma. Mas para quê uma palavra assim obscura, para quê um dizer paradoxal que apenas diz a sua impotência ou impossibilidade de dizer, para quê a poesia? Sem dúvida, para que o tempo não tenha razão sobre todas as palavras e uma palavra se destaque do tempo e fique, “contra a ausência do homem no homem” e como apelo a uma comunidade por vir. (Dias 2014: 39)

Entre aspas, palavras de Rilke; no fim da citação, uma ideia que remete a Agamben e nos pode fazer lembrar da quimera de Melo e Castro ou na impossibilidade de uma comunidade presente, que nos devolve a Bataille. Sousa Dias me leva a considerar que o ofício da poesia... Paro um segundo: o termo é impróprio, já vimos com Nancy. Alguém poderia ir noutra direção, cogitando que poesia é uma ideia, no limite, tão fluida que inagarrável, ou melhor, agarrável apenas como ideia, jamais como realização. Quem passeou por este território foi Ben Lerner, numa diagonal interessante: “Quando um determinado poema dá mostras de ser um fracasso radical, isso acontece porque o comparamos com algum modelo ideal, algum Poema” (Lerner 2016: 32), posto que, de certa maneira, a *poesia* ocupa imaginariamente um ideal mais ou menos platônico a que poemas, dada sua concretude, não acedem – e Sousa Dias nos diz que “o único material poético, o material das sensações poéticas, previamente separado pelo poeta de todo o material emotivo ou ideativo, são as palavras, a linguagem” (Dias 2014: 15).

Isto dito, retomo minha própria e pobre aposiopese, tendo deixado claro que construções cujo sujeito é “a poesia”, “o ofício poético”, “os poetas” etc. já nascem sob o signo de impropriedades: Sousa Dias me leva a considerar que o ofício da poesia é trágico, posto que a comunidade por vir que propõe é sempre adiada, pois, neste território, uma comunidade vinda corre o risco do autoritarismo. Se a poesia diz um “dizer paradoxal que apenas diz sua impotência, sua impossibilidade de dizer”, uma poesia autoritária bem pode ser o contrário de qualquer versão de poesia. Tragicamente, como Sísifo, o *ofício cantante* (a consagrada expressão é de Herberto Helder) ergue uma pedra que volta a cair, cria uma comunidade que volta a se desfazer, e é um pouco incoerente que certos modos de fazer poesia sejam vigiados de dentro da comunidade social que reúne o que se entende como poetas. A vigilância resulta na punição, em forma de menor visibilidade e aceitação, dos que eventualmente não cumprem requisitos entre o conteúdo e a aceitação política dentro de um específico universo de valores, mesmo que estes requisitos e valores possam ser pouco mais que o culto ao mesmo – uma dicção confortavelmente comum, pouco acolhimento de vozes dissonantes, familiaridade, afinidade ética em detrimento de mútuo estranhamento estético.

Algo me faz imaginar que um aspecto se perdeu de vista, perigosamente, em certa perspectiva contemporânea sobre arte em geral e poesia em particular: se a política de certa poesia, a que me interessa, conspira para a desierarquização, este e apenas esta conspira para a democracia. Mas afino os olhos de novo para o que Sousa Dias escreve sobre este tópico específico:

Não há arte democrática, ou democratizável (...), a arte sempre foi e sempre será “aristocrática”, num sentido não social, ou socialmente transversal, de destinação a uma superior sensibilidade espiritual, a uma aristocracia do espírito. (...) Vivemos numa época crítica para a arte (...). É uma época de pensamento “horizontal”, como diz Rui Chafes, em que tudo se nivela, se igualiza, todos os valores, época de uma equivalência generalizada dos valores, do tudo equivale a tudo, uma música pop e uma sinfonia de Mahler, um romance de telejornalista e um romance de Dostoievski. (Dias 2016: 42)

Sem esta afirmação de Sousa Dias, em diálogo com o artista plástico e escultor Rui Chafes, eu diria mais ou menos isto: só se pode conceber democracia em arte, em poesia, esteticamente, ameaçando univocidades. O gesto político que, em poesia, tem potência, não pode apenas veicular conteúdos eticamente aceitos por determinado grupo. Pelo contrário: ao bagunçar centros, já que, foi Sousa Dias quem o disse, “sem pensamento, sem ideias e, mais ainda, sem ideias só por via estética exprimíveis, não há arte”, nenhuma política interessante pode se fazer, poeticamente, sem a dificuldade intrínseca à construção do pensamento e, neste sentido, de uma zona de liberdade. É uma política lenta? Uma democracia de difícil télos? Ok, pois há outras políticas, fora da poesia, que podem ser feitas de modo mais rápido, menos paradoxal, mais diretamente preocupado com as consequências éticas imediatas, e mesmo essa política se beneficiará bastante do que posso chamar de difícil tarefa do pensamento.

Tendo, no entanto, lido a afirmação de Sousa Dias, preciso atentar para certos pormenores. O perigo do uso de democracia, por exemplo. A arte é aristocrática, mas, não se perca de vista, “num sentido não social, ou socialmente transversal”. Leio com atenção o que diz meu interlocutor central neste ensaio e interpreto, deslocando, movimento(-me com) suas palavras. A primeira convocação deste ensaio a Sousa Dias assistiu-lhe falando de Marx, e não percamos de vista que o pensador português é autor de um livro intitulado *Grandeza de Marx*. Portanto, advogar um aristocratismo da arte não é apolítico, ou, já que não há gestos apolíticos, antidemocrático, muito menos dizer que “não há arte democrática”. O que está em jogo é, em primeiro lugar, a superação de uma demagogia mal elaborada, que se baseia numa “equivalência generalizada” e neutraliza uma democracia, pessoalmente, camonianamente, muito mais profunda. Movo(-me com) Sousa Dias, pois: não há arte, poesia democrática porque a arte, a poesia, não pode se curvar a princípios entre o demagógico e uma ética conteudística que apazigua as mentes de certos grupos.

Por outro lado, o “tudo equivale a tudo” é que é antidemocrático, posto que impede a “aristocracia do espírito”, que tem uma faceta, sim, senhoras e senhores,

democrática. Sousa Dias não vive no Brasil, país de mentalidades controladas e de resistências, muitas vezes, vítimas do mesmo controle, mesmo que a contrapelo. Por aqui, tem sido bastante “progressista” que tudo equivalha a tudo. Por isso, criticar certas manifestações formalmente muito simplórias mas de conteúdo, para alguns, “popular” (peço desculpas pelas aspas não citacionais deste parágrafo), as mesmas que fazem luzir os olhos, e bolsos, da indústria cultural (os da tal empresa de comunicação monopolista, os da publicidade e poucos outros), não tem pegado bem. Isto é perverso: a contraface do confessionalismo é outro confessionalismo, travestido de emancipação. Tudo continua como sempre, posto que as mudanças que merecem este nome exigem a difícil tarefa do pensamento etc.

Em âmbitos onde podem ter lugar manifestações chamáveis de poesia, a pouca dissonância constrange a desigualdade, a diferença, a alteridade que pode redundar em uma estesia radicalmente democrática. Porque só há democracia numa arte, numa poesia, não democrática “num sentido não social, ou socialmente transversal”. Sousa Dias não vive no Brasil, vive num país onde há romances de telejornalista – mas, ora, no Brasil também os há, e premiados... Enfim, seja onde for, estamos, imagino, desejosos de recuperar, ou melhor, inventar, mesmo nesta época de tagarelice, a hipótese do silêncio, já que “a poesia (...) é a procura da palavra que diga o indizível, que fale onde a linguagem se cala, que seja o silêncio epifânico da linguagem excedida” (Dias 2014: 29). Deste modo, e só deste modo, poderemos conquistar um ideal que não se afaste tanto de um desejo de Sousa Dias, meu, de tantos outros e do nosso querido Marx: a revolução: “Objectivamente a poesia, como toda a arte, é a utopia de uma humanidade espiritual e já a sua antecipação. Ela é, nesse sentido, a revolução antecipada.” (Dias 2014: 39).

OBRAS CITADAS

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BELO, Ruy. *Na senda da poesia*. Maria Jorge Vilar de Figueiredo (org.). Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Emanuel Paulo Ramos (ed.). Porto: Porto, 1978.

CRUZ, Gastão. *Os poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka – por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DIAS, Sousa. A experiência poética. *O que é poesia?* Lisboa: Documenta, 2014. pp. 31-39.

_____. A metáfora para lá da metáfora. *O que é poesia?* Op. cit. pp. 49-70.

_____. Poesia, arte bilingue. *O que é poesia?* Op. cit. pp. 11-29.

_____. *Pré-Apocalypse now* – diálogo com Maria João Cantinho sobre política, estética e filosofia. Lisboa: Documenta, 2016.

LERNER, Ben. *Ódio à poesia*. Trad. Daniel Jonas. Amadora: Elsinore, 2016.

MAFFEI, Luis. Dois ou três possíveis para a poesia brasileira. *Zunái*. v. 3, n. 1, junho 2016. Disponível em: <http://zunai.com.br/post/145779495408/perisc%C3%B3pio-2-dois-ou-tr%C3%AAs-poss%C3%ADveis-para-a>.

NANCY, Jean-Luc. *Resistência da poesia*. Trad. Bruno Duarte. Lisboa: Vendaval, 2005.

SALLES, Luciana. Inspecionando as chagas uns dos outros: diálogo e testemunho em Jorge de Sena. *Ler Jorge de Sena*. Disponível em <http://www.lerjorgedesena.letras.ufrj.br/ressonancias/pesquisa/ufrj/3-inspecionando-as-chagas-uns-dos-outros-dialogo-e-testemunho-em-jorge-de-sena/>.

SENA, Jorge de. *Poesia 1*. Jorge Fazenda Lourenço (ed.). Lisboa: Guimarães, 2013.

GROPING POETRY, TODAY, AESTHETICS, DEMOCRACY: A CONVERSATION WITH SOUSA DIAS

ABSTRACT: Poetry is an idea that cannot be pronounced without open a territory of vast and problematic senses. Thinking of it, at a certain historical moment and in a certain place, it is a task that slips between aesthetics and politics. In Portugal, contemporaneously, one of the keenest thinkers among those who reflect on poetry, and art in general, is Sousa Dias. In texts such as “Poesia, arte bilingue” and “A experiência poética”, Sousa Dias is a prolific interlocutor for subjects that are of great interest to this essay, such as the possibility of, in the universe where we can conventionally name the word poetry, deserarchization and democracy building. It becomes inevitable to reflect, then, on the relation between aesthetics and ethics and on what can be considered a content colonization in times of excessive communication. To this reflection, besides Sousa Dias, other thinkers and critics will be invited to expose their voices, as well as poets, of course.

KEYWORDS: Sousa Dias; poetry; aesthetics; democracy

Recebido em 6 de maio de 2018; aprovado em 2 de dezembro de 2018.